

Reality-shows, exclusão social e instantaneidade: os riscos do esquecimento

Teresa Cristina Carreteiro
Bruno Leal Farah

RESUMO

Este artigo se propõe investigar – a partir de um dos ícones da cultura de massa contemporânea, os *reality shows* – as relações entre a violência, o imperativo do prazer imediato e a exclusão social, tão intensa quanto o sucesso desses programas de televisão. Analisaremos o contexto da emergência dos *reality shows* a partir de dois imaginários sociais que representam duas formas de estar no mundo atual: o imaginário da excelência e o da inutilidade. Indicaremos também como uma espécie de infantilização universal se relaciona com o risco de esquecimento coletivo da História que o foco no presente imediato e a sociedade do espetáculo auxiliam a reforçar.

Palavras-chave: *Reality-shows*; Exclusão social; Violência.

Aproveitando a atual discussão sobre o “risco Brasil”, divulgado pelo voraz mercado financeiro, Frei Betto, em recente matéria, lembra-nos também dos riscos diários do povo brasileiro.

O Brasil é um país de alto risco para quem mora nele. Basta conferir os índices de violência (40 mil assassinatos por ano); os edifícios e condomínios fechados como penitenciárias de luxo; o poder paralelo do narcotráfico; o número de seqüestros e chacinas; a pobreza e a miséria que atingem 53 milhões de pessoas. (Frei Betto, 2002)

A matéria inicia-se com os riscos concretos, reais, do Brasil. A violência brasileira, sabemos, insere-se num contexto muito mais amplo e complexo, que se agrava na economia globalizada. Tentaremos aqui investigar – a partir de um dos ícones da cultura de

• Texto recebido em agosto de 2002 e aprovado para publicação em outubro de 2002.

massa contemporânea, os *reality shows* – as relações entre a violência, o imperativo do prazer imediato e a exclusão social que existe em grande escala na contemporaneidade, tão intensa como o sucesso desses programas de televisão. Começaremos com uma imagem que Freud utiliza após ter atravessado um período de extrema violência e instabilidade social, a Primeira Guerra Mundial. Acreditamos que a reflexão de Freud seja um bom ponto de partida para este trabalho.

Em 1921, em *Psicologia de grupo e análise do ego* (ESB, XVIII), Freud resgata a famosa fábula sobre os porcos-espinhos de Schopenhauer e aponta a tensão entre solidariedade e dominação para ilustrar o problema das relações sociais. De forma sintética, a fábula diz que no inverno os porcos-espinhos tentam se aproximar para se aquecer mutuamente. Porém, os seus espinhos machucam os outros e eles tornam a se afastar. A fábula de Schopenhauer é contada até hoje e ficou conhecida como “a fábula da convivência”. Os outros são necessários à sobrevivência física e emocional, mas são também uma ameaça, impondo exigências e restringindo a liberdade.

Para Freud, a inevitável ambivalência em relação à existência do outro está na base do pensamento social (Brunner, 2000). Na contemporaneidade, contudo, parece que essa ambivalência é atenuada. O desejo de eliminar o outro comparece, globalmente e em larga medida, nos *reality shows*. Desde programas do tipo “No limite”, passados em 50 países do mundo, ao “Big Brother”, o gozo com a exclusão do outro vem sendo a tônica da nova modalidade de diversão interativa.

“CRIANÇAS” PODEM JOGAR EM QUALQUER TIME

O trunfo desses programas interativos tem vários sentidos:

1) Transformar adultos em crianças e, assim, ajudá-los a esquecer as turbulências da era globalizada, suas vorazes competições e exclusões, fazendo-os brincar novamente, aliviados, como na época do videogame. Pode-se pensar que essa forma lúdica tem algo de perverso, visto que coisifica o outro.

Freud nos ensinou que as brincadeiras têm um sentido. Se o que está em tela é o jogo de esquecer para aliviar, o esquecimento garante a necessidade de se adquirir o novo, como lembra o crítico literário Amos Oz (Pondé, 1999). O autor traz à discussão o conceito de infantilização da sociedade. Esta se estabelece na medida em que o neoliberalismo causa a privatização de nosso desejo, dele nos alienando completamente. Não devemos lembrar, só lucrar, nos distrair, trabalhar mais para comprar mais, imersos em um ruído contínuo que só as crianças suportam.

A nova padronização é esta: sermos eternamente crianças, com o futuro do mercado pela frente. Crianças são marcadas pelo princípio do prazer, a busca da sua imediatividade e da impossibilidade de adiá-lo. Segundo Amos Oz, quanto mais complexo se torna algo, maior a busca por soluções simples. Ora, considerar o passado, as heranças que lhe são vinculadas é algo, por definição, complexo e de prolongada digestão. “Perde-

se a vocação para o complexo e pelo difícil. Repudia-se tudo o que não for de fácil consumo” (ibid, p.30).

Entendemos facilmente a análise de Amos Oz quando comparamos a audiência dos *reality shows* com a audiência dos programas políticos. Segundo Frei Betto, os *reality shows* emergem como agentes sobre as noções de público e privado em um contexto de declínio dos movimentos sociais que marcaram a política da década de 60, em diversos países do mundo ocidental. Indicam a diluição das fronteiras entre ficção e realidade, contribuindo para dispersar a atenção da programação política, expulsa do horário nobre pelos jogos televisivos.

Política não é algo de fácil consumo pelos espectadores. Entender o comprometimento ético dos candidatos, suas coligações, as mudanças em suas equipes, grupos sempre efêmeros, que se desfazem com a rapidez com que se formaram, não tem sido fácil em um mundo em que as fronteiras são cada vez mais fluidas.

Não são apenas as fronteiras do público e do privado, ou da realidade e da ficção que se borram. Os próprios *reality shows* dão exemplos concretos das contradições do trabalho em equipe na contemporaneidade.

2) Criar formas estratégicas e lábeis de cooperar. Em “No limite” as pessoas são parte de uma equipe. Precisam cooperar, mas até certo ponto. Chega o momento em que o próprio grupo irá eliminar “o mais fraco”. Mas o paradoxo é justamente esse. Por que teria que ser o mais fraco, se ao eliminar o mais forte torna-se mais fácil para o restante da equipe vencer, uma vez que só haverá um vencedor? Então, muitas vezes, a melhor estratégia é eliminar o melhor, o mais popular ou mesmo o mais bonito, que poderia arrebatá-los os votos populares. Mas se eliminam o mais forte, estão jogando para que time? São várias as pequenas regras e interdições do jogo. Mas a meta-regra é aquela cujo imperativo é a confusão e o borramento das fronteiras e dos referenciais.

TURISTAS E LOCALIZADOS?

Segundo Zygmunt Bauman (1999), a atualidade opera a passagem da ética de trabalho capitalista para a estética do consumo. A nova estética do consumo auxilia a produzir uma nova forma de vida. O consumidor da dita sociedade pós-moderna não pode ser comprometido. Se tiver compromisso com determinada marca ou produto, não acessa outros. Produto algum deve tornar-se referência absoluta. O único compromisso é com a idéia de vencer. A era da compressão espaço-temporal faz com que toda referência se torne obsoleta, mesmo a referência do tempo e do espaço – não há mais referências fixas de tempo e espaço para os engajados no projeto global e, segundo o autor, a mobilidade e sua ausência indicam a nova polarização das condições sociais: “turistas” *versus* “localizados”, os que podem usufruir e se deslocar no mundo sem fronteiras da globalização e os que não podem, a nova classe de excluídos (idem, 1999).

Pensemos agora como essas marcações apontadas por Zygmunt Bauman são ope-

rativas para analisarmos o fenômeno do *reality show*. As pessoas que participam do “Big Brother” poderiam ser concebidas, grosso modo, como os “localizados”, aqueles excluídos da dinâmica social, mais especificamente do mercado de trabalho, e que tentam uma promoção, algum benefício com a exposição nacional. Mas será que essas marcações são tão definitivas na cena do *reality show*? Há algo definitivo no imaginário social da atualidade? Vejamos.

Esse questionamento envolve um grande nível de complexidade. Consideramos que os *reality shows* são analisadores da sociedade atual. Põem em ato, sob vários aspectos, o que ocorre, em grande escala, nas sociedades contemporâneas. Podemos aproximar os dois tipos de indivíduo apontados por Bauman de dois imaginários sociais (Carretero, 2002), que representam duas formas de estar no mundo atual: o imaginário da excelência e o da inutilidade. O primeiro reforça as figuras do sucesso, da carreira, buscando continuamente novas formas de progredir socialmente e obter maior qualificação social. O segundo, o da inutilidade, é marcado pela ausência do sucesso, pelo desejo de fugir do fracasso e das formas de desqualificação social, visando a alcançar modos de inclusão social. Essas duas figuras funcionam no imaginário social como dois pólos que se complementam. Aproximando-as das idéias de Bauman, o turista é a figura emblemática do imaginário da excelência e o localizado a do imaginário da inutilidade. No entanto, esses dois imaginários não funcionam de forma isolada, mas interagem continuamente e se imbricam.

Os turistas, ao mesmo tempo que querem se manter na excelência, sentem as fissuras que essa posição pode ter e fantasiam encontrar o insucesso, numa vertigem constante que os “localiza” em qualquer hora e lugar. Por outro lado, os localizados desejam a posição dos turistas, enquanto lutam para conseguir sobreviver. No entanto, suas vidas são marcadas por movimentos extremamente efêmeros. Existe um desenraizamento constante. Nesses dois modos de estar no mundo percebemos como a contemporaneidade produz o medo da perda das posições sociais ocupadas. A instabilidade reina, ora numa posição objetiva, como para os localizados, ora como medo de cotejá-la, conforme ocorre com os turistas. O medo da instabilidade está sempre presente, mesmo quando esta não corresponde a posições reais, tendo forte reflexo nas relações sociais. O outro da fábula de Schopenhauer, se retomada hoje por Freud, se converteria mais em ameaça do que em necessidade emocional.

O desejo de ultrapassar os lugares sociais ocupados tem um forte apelo nas sociedades contemporâneas. Ehrenberg (1998) refere-se ao “indivíduo insuficiente”, aquele que deve sempre se superar, encontrar formas flexíveis de agir e ter a criatividade como parâmetro. As novas formas de subjetividade da contemporaneidade se forjam sobre o desamparo dos sujeitos, que sentem constantemente um indefinido mal-estar. No entanto, esse sentimento não pode ser revelado, mantém-se inconsciente ou encoberto nos próprios sujeitos. Estes têm de comprar as próteses ofertadas pela sociedade de consumo para reforçar a menos-valia narcísica (Birman, 1999), favorecendo o consumo de ideais de beleza, corpo e, conseqüentemente, as imagens serão promovidas e divulgadas como ele-

mentos capitais da subjetividade. O corpo torna-se, então, a metáfora da subjetividade (Carreteiro, 2002).

Desse modo a sociedade atual reforça o espetáculo. Coloca em foco as novas formas de teatralidade. Quanto mais visibilidade têm as condutas dos sujeitos, mais vivem a ilusão de que conseguirão ascender a formas de prestígio, participar do imaginário da excelência, ser turistas e alcançar o reconhecimento pela fama.¹ O que a sociedade cria são novas figuras de reconhecimento social. A ascensão rápida é um dos efeitos do capitalismo flexível, é o produto da compressão do espaço e do tempo. A produção acelerada do tempo inscreve em seu rastro a dimensão do efêmero.

Os shows de televisão parecem trabalhar com esses elementos. Articulam o desejo de fama, os imaginários da excelência e o desejo de reconhecimento, pondo em cena nem tanto os “artistas”, mas, em primeiro plano, a competição desenfreada. As pessoas que deles participam foram escolhidas entre milhares de outras. O momento da escolha tangencia um grande operador social, inclusão/exclusão, visto que só pouquíssimas são selecionadas. Os capitais que entram nessa seleção são de ordens diversas: beleza, *status* social elevado ou baixo, desenvoltura. Todos os que participam querem entrar no suposto reino da inclusão, pela fama, através da visibilidade que os programas podem lhes dar – e os possíveis desdobramentos de carreira. O novo pseudo-artista, aquele que permanece até o fim, é premiado por seu esforço em submeter-se à visibilidade de sua condição, ao voyeurismo nacional.

O tamanho da imagem e da abrangência da promoção joga no mesmo “time” da rapidez e do prazer imediato: revela-se também mera aparência e dilui-se na efemeridade do seu próprio consumo, ávido pela próxima novidade. Apesar de estarem em todas as telas do país, eles não podem controlar o tempo das suas estadias no novo “clube dos eleitos”, a televisão. No entanto, a participação, mesmo que breve, traz uma marca de visibilidade na vida das pessoas. Parece romper com o anonimato, imprimindo no desamparo uma cicatriz positivada. Sinaliza um acontecimento prestigioso na “carreira do existir”.

Passemos agora aos espectadores. O que estes colocam em cena? O público mistura localizados e turistas – todos presos a uma estranha lógica de consumo, que se manifesta consumindo a liberdade dos participantes a permanecerem no programa, eliminando-os instantaneamente. A liberdade para os participantes é ficar preso na “casa” (lugar onde ficam confinados os participantes) do “Big Brother” ou em “No limite” – liberdade que os espectadores estão ávidos por eliminar. A liberdade dos espectadores consiste em achar que controlam quando entram ou não na “casa”. No entanto, ao se prenderem à tela, “comprometendo-se” com a diversão de eliminar o outro, aquele que parecia alteridade converte-se instantaneamente em espelho na tela globalizada.

No “Big Brother”, o momento de eliminar o outro reveste-se de extremos requintes. Há uma eufemização da violência. A figura do paredão é continuamente evocada, sem que se possa referir que essa é uma modalidade de julgamento sumário nos re-

¹ Nome, inclusive, de um programa televisivo de “novos talentos”.

gimes de exceção. O passado parece retornar em sua pior performance sob o disfarce colorido do culto ao novo e ao presente. O debate que se produz para justificar as “eliminações” é uma forma de banalizar as execuções. “Há nesses debates uma acusação mútua de baixaza, dito de outro modo, todos gozam e ninguém se responsabiliza pelo gozo” (Sardoli, 2002). Criam-se comitês de debate, farsas de comitês de ética, cujo objeto primordial é encobrir formas de combate, ou seja, de eliminação do outro.

EUFEMIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

A dita pós-modernidade, segundo Bauman (1999b), caracteriza-se pelos efeitos da globalização. Se concebermos a globalização como um projeto de americanização do mundo e considerando o emblema maior da Constituição americana – a livre expressão – a conclusão lógica a que se chega é que a liberdade é o novo ideal compartilhado pelo mundo globalizado. Livre expressão, bem entendido, para que todos tenham livre acesso ao consumo. Esse projeto seria a consolidação suprema do modo de vida proporcionado pelo neoliberalismo econômico.

Contudo, um pré-requisito fundamental ainda é necessário: a debilitação do superego social para que a libido possa fluir sem entraves em direção ao mercado de consumo – o novo objeto de desejo. Minimiza-se, então, a potência do Estado e de todas as instituições a ele ligadas para que se possa fortalecer a liberdade do mercado e proteger os direitos dos consumidores. Pré-requisito satisfeito, duas novas questões surgem para problematizar o novo mal-estar. A primeira diz respeito ao contexto social de violência promovido pela debilitação do superego social. A segunda aponta para as características da nova forma de subjetividade produzida pela estética de consumo, comentada brevemente acima, cuja condição de possibilidade vincula-se à debilitação do superego social. Estando embaralhada a lógica do terceiro, nos diz Cerqueira Filho (2002), tornamos-nos todos mini-Estados, havendo um processo de afastamento da lei como eixo de noção política.

A debilitação do superego não provoca apenas liberação de libido, mas também destrutividade. Esse “detalhe” não foi previsto pela lógica neoliberal de incentivo ao consumo. A destrutividade a que todos estamos submetidos pode ser vista em todos os lados. Na sociedade norte-americana, esse fato é assustadoramente visível, mas se apresenta de modo eufemizado. Ao lado de oferta de viagens e roupas nas vitrines, há brinquedos de todos os tipos para as crianças. Um deles é uma miniatura de cadeira elétrica com direito à vítima e “detalhes” sonoros perversos (Rustin, 2000). A infantilização universal, apontada por Amos Oz, possui ligações sórdidas com o gozo da eliminação do outro.

A infantilização universal e as conseqüências da debilitação do superego social geram um círculo vicioso. Tornamo-nos mais crianças e também mais ávidos por gozo, uma vez que os projetos a longo prazo são dificultados e corroídos pela sedução imediatista da estética do consumo. Havendo uma diminuição excessiva das referências genealógicas e

um engendramento constante de novos modos de pertencimento, o sujeito torna-se lábil, pronto para se deixar funcionar com um mínimo de limites possíveis. Tornamo-nos mais localizados no presente e, fragilizado o superego social – a instância que regula as regras simbólicas e se vincula à tradição – mais violentos também.

CONCLUSÃO

Parecem cada vez mais sombrios os invernos da fábula dos porcos-espinhos de Schopenhauer. Apesar de ainda incertos, os porcos-espinhos parecem cansados de tentar aquecer-se mutuamente. A intensidade do borramento das fronteiras entre ficção e realidade torna ultrapassada a fábula que Freud retoma de Schopenhauer – ela representa o mofo da tradição. Por que reciclar Schopenhauer se podemos comprar outra idéia nova? Mas o que será mais “verdadeiro”, no que tange à operacionalização de novos sentidos e transformações sociais (pergunta, sabemos, inadequada na dita pós-modernidade, mas insistimos, mesmo que isso pareça infantil), os *reality-shows* ou a fábula de convivência recontada há duzentos anos?

A ênfase no presente despotencializa a sobrevivência dessa narrativa como dispositivo de mudança e recriação. A recreação distrai a recriação. Perdemos, sem perceber, a legitimidade do resgate de boas idéias e metáforas do passado. Quantas outras narrativas com poder transformador, como foi para Freud nesse único exemplo, estão sendo instantaneamente perdidas, esquecidas, diluídas “em massa” pela voracidade do imperativo de consumo e prazer imediato?

Hoje não ultrapassamos o passado, o eliminamos. A ênfase no presente absoluto nos faz perder algo muito mais íntimo e vital: a possibilidade verdadeira de compreendermos o passado – no sentido de elaborá-lo, já que isso leva tempo e o passado não é algo de “fácil consumo” – e assim, então, conservá-lo. Conservando-o, alargamos nossas possibilidades de intervenção no social e evitamos recorrer a velhas soluções que já provaram falência, mas continuam na ordem do dia. Este é o verdadeiro risco – o esquecimento global da memória² e a possibilidade de a política se tornar um jogo imediato de tentativa e erro. Mas, por enquanto, tentam nos convencer de que o risco está localizado – na América Latina, a “bola da vez”. Apesar de concordarmos com a afirmação de Frei Betto de que o Brasil é um país de alto risco – no sentido da violência real a que estamos sujeitos – o maior risco é ficarmos localizados no dito risco Brasil.

² Se a memória é impedida de alimentar o tempo presente, fará sua emergência através de atuações de várias ordens, difíceis, contudo, de serem analisadas na contemporaneidade, pois o presente é lançado como a única figura confiável para o indivíduo pseudo-vitorioso.

ABSTRACT

Having as point of departure one of the icons of contemporary mass culture, the *reality shows*, this essay aims at investigating the connections between violence, the demand of immediate pleasure and social exclusion, which is as intense as these TV programs are successful. We will analyse the context of the emergence of the reality shows, considering the two social representations available nowadays: the social representation of excellence and the social representation of uselessness. We will also indicate how a sort of universal infantilism is related to the risk of the collective forgetfulness of History which both the focus on the immediate pleasure and the entertainment society help to consolidate.

Keywords: Reality-shows; Social exclusion; Violence.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.
- BIRMAN, Joel. **O mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BRUNNER, José. O paradigma freudiano das relações sociais. In: Roth (?) (Org). **Freud, conflito e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CARRETEIRO, T. C. Quand le corps rencontre l'argent. In: **Pratiques sociales de l'argent**. Paris: Eska, 2000.
- CARRETEIRO, T. C. Relatório de pesquisa do projeto integrado do CNPq, Drogas e complexidade, 2002.
- CERQUEIRA Filho, G. **Édipo e excesso**. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor, 2002.
- EHRENBERG, A. **La fatigue d'être soi**. Paris: Odile Jacob, 1998.
- FREI BETTO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 2/7/02.
- FREUD, Sigmund. (1921) **Psicologia do grupo e análise do ego**. ESB, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- PONDÉ, Luiz. F. A infantilização universal. **Folha de S. Paulo**. Caderno Mais! p. 30. São Paulo, 26/12/99.
- RUSTIN, M. Destrutividade e civilização. **Folha de S. Paulo**. Caderno Mais! p. 16, 22/10/00.
- SAROLDI, N. O outro que não existe e o niilismo tropical. Texto mimeografado.